

Receio - O maior receio dos partidos de sustentação é o fato de o presidente estar mais livre em relação à base no Congresso. Ao contrário do primeiro mandato, que foi dedicado à votação das reformas constitucionais, a agenda do segundo governo de Fernando Henrique é pautada pelos resultados da economia e por ações de governo. "Acabou a ditadura dos 3/5", diz o líder do governo no Congresso, Arthur Virgílio (PSDB-AM).

Este ano, por conta das eleições municipais, a agenda do Congresso já foi praticamente esgotada. O governo promete empenhar-se basicamente à aprovação da Lei de Diretri-

zes Orçamentárias (LDO), que tem que acontecer até o final de junho. Outros projetos poderão ser votados, mas dependem de negociações de menor porte. Congresso esvaaziado, Fernando Henrique terá condições de preparar uma agenda própria. Fará isso ao máximo. Além de inaugurar obras do governo federal país a fora, Fernando Henrique prestigiará eventos da iniciativa privada que também revelam a retomada do crescimento econômico, como ampliação de fábricas e solenidades para comemorar recordes de produção.

O desprendimento do presidente em relação ao Congres-

so e às exigências da base aliada começou a ser notado na discussão do salário mínimo. Fechado para qualquer negociação desde o início da discussão, no início da semana passada, desautorizou os entendimentos que estavam sendo conduzidos com o PFL pelo líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio, e pelo chefe da Casa Civil, Pedro Parente.

Dois dias depois desse episódio, avisou não ter compromisso com o acordo firmado pelos líderes governistas no Congresso para garantir a votação do Orçamento deste ano. Ao contrário do que foi acertado, o presidente vai ve-

tar parte da lei orçamentária e não deverá empenhar-se na votação do mínimo no dia 26, exigida pela oposição e por Antonio Carlos Magalhães.

Ainda estranhando a mudança radical, os líderes, ministros e dirigentes de partidos aliados escapam de qualquer comentário público sobre o novo estilo Fernando Henrique, que há um ano apregoava para setores do PSDB a importância da negociação. "Agora, somos nós que, às vezes, sugerimos um discurso mais brando, que seja feita uma negociação", brinca um antigo radical. "Tudo indica que será assim até 2002", aposta o amigo.

Presidente e Ruth voltam a Brasília depois da festa do filho no Rio

MURILO FIÚZA DE MELO

RIO - O presidente Fernando Henrique Cardoso e a primeira-dama, Ruth Cardoso, embarcaram ontem às 17h45 de volta para Brasília. O casal chegou ao Rio na sexta-feira em viagem não-oficial. No sábado, os dois foram à casa do filho Paulo Henrique, que comemorou 46 anos com um almoço em seu apartamento, na Zona Sul.

Ao encontro, além da família, estiveram presentes o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, o jornalista Fernando Pedreira, o ex-ministro Raphael de Almeida Magalhães, e Jovelino Mineiro, sócio de Fernando Henrique em uma Fazenda em Buritis, em Minas Gerais.

Ontem, o presidente e Ruth passaram o dia na Gávea Pequena, residência oficial da Presidência no Rio. O casal almoçou com a família e no fim da tarde embarcou de volta a Brasília.